

**RIVERO, Giovanna. *Terra fresca da sua tumba*. Trad. Laura del Rio.
São Paulo: Editora Incompleta; Jandaíra, 2021.**

Gracielle Marques¹

Madeleine Gonzales Justiniano²



Fonte: <https://incompleta.com.br>

Nos seis contos que compõe o livro *Terra fresca de sua tumba*, a escritora boliviana Giovanna Rivero³ (Montero, Santa Cruz, Bolívia, 1972), radicada nos Estados Unidos, escava as dores e perdas ocultas nas dobras da vida de personagens femininas afetadas por algum tipo de deslocamento. Entre elas, personagens bolivianas que imigram para os Estados Unidos nos contos “Socorro”, “Pele de Asno”, “Irmão Cervo”, as filhas das diásporas vivenciada pelos pais em “Mansidão”, “Quando chove parece humano” e o drama de uma mulher que perdeu um filho em uma travessia marítima em “Peixe, tartaruga, urubu”.

A impactante maneira de desenhar personagens tão vívidas e nos surpreender com histórias marcadas pela irrupção de uma dor ocasionada pela perda abrupta e inevitável de algo ou alguém que, no entanto, retorna de alguma forma, abre um caminho bastante inovador na forma de sondar aspectos da subjetividade humana no contexto dos deslocamentos geopolíticos.

Com essa obra Rivero alcança o mercado editorial brasileiro por meio das editoras independentes Incompleta (São Paulo), dirigida por Laura del Rey, também tradutora dos

¹ Doutora em Letras e Vida Social e professora adjunta no curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Rondônia e do Mestrado em Estudos Literários (PPGMEL/UNIR), E-mail: gracielle.marques@unir.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6342-5231>

² Graduanda do curso de Letras Espanhol e bolsista CNPq no Programa de Iniciação a Pesquisa Científica (2022-2023) da Universidade Federal de Rondônia. E-mail: madeleine.gonzales15@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2413-9292>

³ A autora publicou contos e romances em editoras bolivianas como La Hoguera (Santa Cruz de la Sierra) e Cuervo (La Paz) e alcançou com as publicações *Para comerte mejor* (Marciana, contos) e *98 segundos sin sombra* (2016, publicada por Randon House) uma projeção internacional para suas obras. Rivero foi condecorada com o destacado Premio Nacional de Cuento Franz Tamayo, em 2005, e foi considerada pela Feira Internacional do livro de Guadalajara (México), como “os 25 secretos literários melhor guardados da América Latina”, em 2011, entre outras premiações.

contos, e Jandaíra (São Paulo). A tradução de *Terra fresca da sua tumba* e mais recentemente do seu romance *98 minutos sem sobra* (Editora Incompleta com tradução de Raquel Dommarco Pedrão), de Rivero, permite ao público brasileiro conhecer o criativo e premiado trabalho ficcional da escritora, assim como vem acontecendo com outras autoras bolivianas. Isso nos permite afirmar que:

O ato tradutório permite remodelar a circulação das produções hispano-americanas, descosturando dicotomias como literatura central versus periférica, que durante muito tempo condicionou nossos olhares para modelos considerados centrais e universais, deixando imensas lacunas em nosso diálogo e intercâmbio no âmbito latino-americano, especialmente com a Bolívia (MARQUES, 2023, p. 107).

Conforme a crítica tem assinalado, o universo criativo de Rivero possui uma combinação potente entre o realismo e o neogótico presente na literatura latino-americana contemporânea. O fantástico, a melancolia e um rico universo intertextual também se concertam com a memória e a história da região de Santa Cruz de la Sierra. Neste sentido, o título do livro sugere uma homenagem à literatura gótica, sobretudo, pela aproximação que ele provoca entre o cotidiano e o sepulcral. Terra e tumba conjugam o destino humano. Entretanto, esse caráter funerário possui força imaginativa e beleza conceitual, uma vez que aparece associado ao sinistro, o qual porta consigo, em muitos casos, a iminência do insólito e da melancolia pelo que foi perdido.

A abordagem do medo, do abjeto e do lado mais obscuro do ser humano e daqueles instantes de aniquilação, os quais flertam com a vida das personagens, também são frames escolhidos por Rivero para manifestar facetas das vivências fantasmáticas. Nesse viés, a narrativa riveriana aponta para a existência de uma zona híbrida, a qual, ainda que reelabore ficcionalmente espaços reais (comunidade menonita de Manitoba no departamento de Santa Cruz, a cidade de Santa Cruz de la Sierra, a colônia japonesa de Okinawa, uma cidade canadense de Manitoba), faz circular nesses espaços personagens e situações ambíguas. Dessa forma, à semelhança de um rio subterrâneo, opaco e escuro, porém vivo, alguns dramas e segredos familiares nos arrastam para outras dimensões da realidade e constituem no ato da leitura uma experiência de aproximação a novas sensibilidades e maneiras de entender diferentes mundos.

O primeiro conto que abre a edição de Incompleta e Jandaíra, “Peixe, tartaruga, urubu”, narra a tensa conversa que Amador, único sobrevivente de um naufrágio, mantém com a mãe do jovem Coronado que não resistiu ao acidente. O luto de uma mãe que não pôde enterrar o

corpo do filho e que tem diante de si aquele estranho que testemunhou os dramáticos últimos momentos de um vagar de mais de cem dias emolduram uma história que nos impressiona por nos fazer experimentar a imensidão aterradora do mar. A narrativa alterna entre o momento da narração e o da rememoração da luta contra a fome, a loucura e a solidão. Assim, explorando as agruras da travessia marítima presentes na literatura desde sempre, Rivero toca uma poderosa metáfora do não-pertencimento e da clandestinidade, vivenciada por aqueles sujeitos forçados a deixar seus países e aceitarem qualquer tipo de trabalho e que acabam sendo forjados pelas marcas da deriva.

O conto seguinte, “Quando chove parece humano”, narra o cotidiano da senhora Keiko na capital Santa Cruz de la Sierra, para onde ela vai viver com sua única filha, após ficar viúva e deixar a colônia agrícola japonesa de Okinawa no mesmo departamento. Distante do que foi durante toda sua vida a trabalhosa rotina no campo, Keiko se dedica a ensinar a arte do origami para presidiárias e a cultivar um jardim tropical em uma cidade fria. Através dessas ações Keiko rememora sua própria vida. Suspeita a dor, o ódio e a agressividade por trás da habilidade de criar figuras com dobras no papel dos origamis realizados pelas detentas. Em casa, enquanto luta para proteger uma planta do frio, removendo camadas de terra, chega à superfície de sua consciência os rastros de dores não apagadas de seu passado. Um passado formado por muitas dobras e camadas que vão desde a decisão da família em vir para a América do Sul, o trabalho da colônia, o casamento e a infidelidade do marido. Sofrimentos integrados ao próprio corpo que eclodem como ovos de serpentes no momento em que uma jovem aluga um dos quartos de sua casa. Suas personalidades opostas integram-se entre si oferecendo ao leitor um diálogo que se revela transcendental e arrepiante.

No terceiro conto, “A mansidão” lemos a reelaboração ficcional de um caso de abuso sexual ocorrido na colônia Manitoba, dos ultraconservadores menonitas, próxima a Santa Cruz de la Sierra. O episódio se remonta a um fato verídico vivenciado por dezenas de mulheres, crianças e adolescentes que veio à tona em 2009 e chamou a atenção pelo modo como os violadores incapacitavam as vítimas. Nesse ambiente social fechado, o descrédito imputado às mulheres que denunciaram os crimes pelos líderes do grupo e a comunidade dão um tom ainda mais sombrio a situação. A vítima dessa agressão sexual escolhida por Rivero para protagonizar o conto é a adolescente Elise que engravida após a violência. Nesse conto, observamos alguns dilemas latentes entre a mulher e a autoridade religiosa em um ambiente de impotência e resignação, imposto pela comunidade religiosa. A construção da voz mansa,

porém resistente, da jovem se contrapõe a arbitrariedade do discurso religioso, tergiversado pelo cinismo do pastor da colônia, o qual para naturalizar a violência cometida pelo abusador, evitando qualquer sentimento de revolta na protagonista, tenta culpá-la atribuindo o crime à tentação do demônio. O final inesperado e surpreendente insinua uma saída metafórica em direção à simbiose de outros valores do feminino presentes na cultura aimará-quechua. O diálogo intercultural presente na cena final permite aplacar o pensamento da consolidada fratria que patrulha e vigia o território-corpo da mulher.

O quarto conto, “Socorro”, é narrado na primeira pessoa por uma psicóloga que regressa depois de anos vivendo em Estados Unidos, na companhia do marido e dos filhos gêmeos, à casa familiar em Santa Cruz de la Sierra, onde vivem a mãe e a tia louca, Socorro. A repulsa entre mãe e filha e filha e tia envolve a relação familiar e torna a atmosfera do reencontro irrespirável. Neste conto, Rivero desenvolve com muita habilidade o mal-estar gestado pelo regresso à casa familiar, o qual se manifesta no sentimento de estrangeirismo com relação ao mundo exterior da casa, da cidade e do país, o qual atinge seu ápice quando logra romper a membrana de certas convenções (razão, família) para secretar impurezas ocultas, desobstruindo a pressão sobre velhas feridas. A linguagem literária explora as metáforas do corpo, com suas enfermidades físicas e mentais, sugerindo-nos o questionamento à crueldade por trás da manutenção das aparências no cerne de certas famílias.

“Pele de asno”, é protagonizado por dois jovens órfãos bolivianos, Nadine e Dani que imigram para o interior do Canadá, quando ainda eram crianças, onde se criaram sob a responsabilidade de uma tia alcoólatra. A casa afastada da cidade e abandono decorrente da condição da tia os aproxima de outros sujeitos periféricos, ou seja, dos *métis*, um dos povos nativos canadenses. O testemunho de uma vida de provações nessa fronteira geográfica e cultural é narrado por Nadine Ayotchow aos fiéis da igreja onde se apresenta como cantora gospel. As “pequenas mortes” enfrentadas pelos irmãos da infância até a adolescência culmina na complicação maior que surge com o descobrimento de um tumor no cérebro de Nadine. Nesse ponto, sua mais que improvável vida se revela sustentada por um chamado que a irmana com o não-humano. A ponto da protagonista naufragar no esquecimento de suas memórias, caso a cirurgia seja mal sucedida, Rivero articula questões inusitadas para o leitor, a essas alturas completamente envolvido na sua habilidade de manejar a construção ficcional explorando de maneira criativa e crítica a narrativa no gênero “relato de testemunho religioso”.

Por último, “Irmão Cervo” relata a história de um jovem casal de bolivianos que imigram para os Estados Unidos, Ithaca (Nova York), em busca de melhores condições de vida. Para isso, Joaquín, o marido, se submete a participar de um estudo clínico bem remunerado para avaliar a segurança e eficácia de um medicamento revolucionário, contudo altamente agressivo na fase de testes, enquanto a mulher trabalha de caixa em um supermercado. Ambientado em uma paisagem gélida e desolada, o conto é narrado pela mulher e entrelaça dois núcleos de ações, um externo, que ocorre nas proximidades da casa, em torno a morte e a decomposição do corpo de uma cerva, possivelmente prenhe, e um interno, desencadeado no momento em que uma mancha de sangue surge nas costas de Joaquín e vai tomando seu corpo. Essas duas ações são observadas e vivenciadas por uma narradora bastante reflexiva, que, além disso, se atormenta com a possibilidade de ter um filho monstruoso e é uma leitora de mapas astrais, entre eles a do irmão falecido, que brota na sua consciência confundido seu destino com o do próprio marido. Todas essas situações se conectam pelo sentimento de perda que vem à tona diante dessa tensão existente entre a linha da vida e da morte.

Escolhemos terminar este texto com o excerto a seguir, retirado do conto “Quando chove parece humano”, pois apresenta uma das imagens exploradas no livro de Giovanna Rivero, demonstrando a sua força criativa: a relação metafórica e visceral expressa pelo elemento da terra revolvida e fresca com nossas vulnerabilidades, que conecta alguns contos – movimento centrípeto em direção ao outro que nos habita, contudo de saída dada a proximidade da morte e paradoxalmente renovador diante desse impossível retorno a um tempo caótico e pré-simbólico da natureza:

– Tem gente que se cura das feridas com terra – disse a inquilina com a voz cada vez mais enfraquecida e, no entanto, certa do que dizia. A senhora Keiko sentiu pena dos joelhos da menina, ainda encravados na vala, embora ela parecesse não perceber o esforço feito por suas pernas. Era outra vez uma criança travessa em seu reino de terra. (RIVERO, 2021, p.64)

Referências

MARQUES, Gracielle. Corpos e palavras em “Chaco”, de Liliana Colanzi. In: MARQUES, Gracielle, REIS, Livia Reis, COSTA, Veronica Prudente. **Trânsitos e fronteiras literárias: gênero**. Boa Vista, RR: Editora da Universidade Federal de Roraima; Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2023. p.106-127– (Trânsitos e Fronteiras Literárias; v. 4, livro eletrônico)

RIVERO, Giovanna. **Terra fresca da sua tumba**. Trad. Laura del Rio. São Paulo: Editora Incompleta; Jandaíra, 2021.